

# Refacção em segmentação de palavras na escrita infantil

## Rewriting in word segmentation in child writing

*Carmen Regina Gonçalves Ferreira*

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

E-mail: [carmenreginaferreira@yahoo.com](mailto:carmenreginaferreira@yahoo.com) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9251-7274>

**Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, vol. 4, n. 4, p. 87-100, Outubro-Dezembro, 2018 - ISSN 2447-3944

[Recebido: Abril 02, 2018; Aceito: Setembro 16, 2019]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2447-3944.2018.v4i4.2588>

**Endereço correspondente / Correspondence address**

Marcílio Dias, 2474, apto 303 B, Centro, Pelotas- RS- Brasil.  
CEP: 96020-480

Sistema de Avaliação: *Double Blind Peer Review*  
Editora: Thaísa Leal da Silva

**Como citar este artigo / How to cite item:** [clique aqui!/click here!](#)

## Resumo

Neste trabalho serão apresentados os dados de escrita espontânea referentes aos episódios de refacções que correspondem aos momentos nos quais a criança interrompe a escrita para reelaborar o que escreveu. Considera-se que tais dados podem fornecer elementos que auxiliem na compreensão do processo de conceituação de palavra formulado pela criança durante a aquisição da escrita. Deste modo, objetivou-se descrever os possíveis fatores que influenciaram os movimentos de refacções ligados à segmentação de palavras verificando, em especial, movimentos de apagamentos de traçado inicial de letras, sílabas ou palavras, durante a produção da escrita infantil. A organização do mapeamento das refacções foi realizada após a leitura cuidadosa de todos os textos dos sujeitos, bem como a análise das filmagens realizadas durante a escrita das produções textuais. Posteriormente, separou-se cada caso de refacção por coleta de produção textual e por sujeito. Esses dados foram organizados conforme dois momentos: o registro da escrita inicial, expressos nas estruturas linguísticas apagadas e o registro da escrita final que corresponde à reescrita após o apagamento do registro inicial. Ao analisar os dados dos sujeitos à luz da teoria dos constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986), considerou-se que os movimentos de refacção ocorreram motivados, ora partindo de aspectos fonológicos, ora semânticos, e, por vezes, pôde-se observar o efeito concomitante de informações que são fruto da sua inserção em práticas letradas (ABAURRE, 1991; CHACON, 2007; CAPRISTANO, 2007; CUNHA, 2004).

**Palavras-chave:** Aquisição da escrita. Segmentação vocabular. Escrita espontânea. Refacções.

## Asbtract

In this work we present data of spontaneous writing referring to episodes of rewriting that correspond to moments in which the child stops writing to rework what he/she had written. It is considered that such data may provide elements that help in the understanding of the process of word conception formulated by the child during the acquisition of writing. Thus, the aim was to describe the possible factors that influenced the rewriting movements linked to word segmentation mainly checking erasure movements of initial tracing of letters, syllables or words during the production of child writing. The organization of rewriting mapping was carried out after careful reading of all texts of the subjects as well as the analysis of filming shot during writing of textual production. Later, we separated each case of rewriting by collection of textual production and by subject. These data were organized according to two moments: the registration of initial writing, expressed in the linguistic structures erased and the registration of final writing that corresponds to rewriting after the erasure of the initial registration. When analyzing the data of the subjects in light of the theory of prosodic constituents (NESPOR; VOGEL, 1986), we considered that the rewriting movements were motivated either by phonological aspects or semantic ones and, at times, the simultaneous effect of information can be noticed as it is a result of such insertion in literate practices (ABAURRE, 1991; CHACON, 2007; CAPRISTANO, 2007; CUNHA, 2004).

**Keywords:** Writing acquisition. Word segmentation. Spontaneous writing. Rewriting.

## 1 Considerações iniciais

Ao se observar as produções textuais durante a aquisição da escrita verificam-se, com certa frequência, a presença de rasuras, apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, riscos etc., refacções que correspondem a momentos nos quais a criança em fase de alfabetização interrompe a escrita para voltar-se sobre aquilo que grafou na tentativa de reelabora-la (ABAURRE, 1997).

Esses episódios de refacção na escrita infantil vêm chamando a atenção de estudiosos<sup>1</sup> desde a década de 90, dedicados à compreensão da aquisição da linguagem, como os estudos precursores de Abaurre (1994), Abaurre et al. (1985), Abaurre et al. (1997) e Mayrink-Sabinson (1997). Segundo essas autoras, do ponto de vista teórico, as refacções são importante objeto de estudo por constituírem-se em pistas de momentos de reflexão e tomada de decisões por parte da criança sobre determinados aspectos da língua que chamam a sua atenção durante a aquisição da escrita.

Com o propósito de ampliar as discussões acerca da noção de palavra segundo as concepções infantis, apresenta-se parte de um estudo que teve por objetivo descrever e analisar dados de segmentação vocabular na escrita de crianças pertencentes aos 1º, 2º e 3º anos da alfabetização. Especificamente, pretende-se apresentar como a criança vai, ao longo da alfabetização, elaborando suas hipóteses de escrita a respeito da palavra gráfica, por meio do estudo de casos de refacções presentes na produção de escrita espontânea. E com isso, subsidiar reflexões acerca da necessidade de se obter mais dados empíricos sobre a escrita infantil que não só subsidiem reflexões teóricas mais aprofundadas sobre o que 'provisoriamente' essas crianças estão concebendo como palavra, mas que também possibilitem a identificação de obstáculos de ordem linguística, tais como: fonológica, sintática, semântica e lexical, que poderiam estar dificultando a ação da criança em definir o que seja uma palavra.

Neste sentido, organizou-se o texto em três seções, em que apresenta-se, primeiramente, os teóricos que abordam as refacções ligadas à segmentação vocabular na escrita infantil, em seguida descreve-se como foram realizados os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo e por fim, faz-se uma descrição e análise dos dados referentes às refacções na escrita espontânea infantil de um grupo de seis crianças do ciclo de alfabetização.

---

1 Não se pretende apresentar neste artigo todos os estudos que existem em relação à temática da refacção (rasuras, reelaborações e autocorreções). Serão aqui tratados apenas os estudos que se propõem a analisar os episódios de refacção vinculados à segmentação de palavras, por convergirem com os objetivos do presente estudo.

## 2 Questões teóricas

O estudo das refacções tem como objetivo saber que fato singular, que aspecto de contexto, de forma ou de significação linguística, ou ainda, que possível combinação desses fatores, poderia em algum momento ter adquirido saliência particular para a criança, e de que forma ela passa a buscar uma solução, ainda que muitas vezes episódica e circunstancial para resolver tal conflito (ABAURRE, 1997).

Abaurre (1994), Abaurre et al. (1995), Abaurre et al. (1997) observaram que as refacções ligadas à segmentação vocabular estão frequentemente ligadas à substituições lexicais e modificações referentes a aspectos morfossintáticos. Segundo tais autores, embora esses episódios de reelaborações não sigam uma progressão sucessiva em direção à escrita convencional, contribuem para que se compreenda o complexo movimento de escrita realizado pela criança, que parte de operações epilinguísticas<sup>2</sup> até chegar em ações que demandam uma reflexão metalinguística. Além de configurarem-se num espaço privilegiado para se observarem pistas da relação sujeito/linguagem.

Os estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) também partem do princípio de que as refacções são indícios importantes da complexa relação sujeito/linguagem. Vinculados à análise do discurso, consideram os episódios de refacções como marcas de reelaborações que sinalizam uma volta da criança sobre o que escreveu, entendidas num primeiro momento, também, como operações epilinguísticas. No entanto, para esses autores, os movimentos de reelaborações podem levar a criança a escrever de forma convencional, mas podem, também, propor rupturas em desacordo com a norma. Isso significa dizer que nem sempre os episódios de refacções que partem de operações epilinguísticas chegarão a ações que demandem uma reflexão metalinguística. Tais refacções podem, portanto, culminar em rupturas que correspondem a delimitações de constituintes prosódicos decorrentes da influência de práticas orais, ou ainda à identificação de fronteiras de palavra, conforme a norma, conflitos estes, gerados pela inserção e circulação desses alfabetizandos em práticas sócio-históricas (CORRÊA, 2001; 2004).

Cabe ressaltar que os estudos recém referidos não se dedicaram a analisar exclusivamente os episódios de refacções ligados às segmentações. A seleção das ocorrências de reelaboração, nos estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) ocorrem em função da análise de uma rasura ou de, pelo menos, duas ocorrências, no mesmo texto, em que se observou uma flutuação quanto à segmentação do dado de escrita: “inpé” e “en pé” (em pé). Neste último dado, considerou-se reelaboração a flutuação da grafia da mesma palavra, no mesmo texto.

Já os trabalhos de Capristano (2007, 2010, 2013, 2014), Capristano e Chacon (2014), Capristano e Machado (2013) e Machado (2014) optaram por analisar as

---

2 Operações epilinguísticas seriam reelaborações realizadas pela criança em sua escrita de forma espontânea sem a interferência de um adulto ou pesquisador.

refações ligadas exclusivamente às segmentações. Segundo esses autores, as rasuras ligadas às segmentações de palavras corresponderiam aos momentos em que a criança parece ser sensível em reconhecer que a sua escrita se distancia em relação a do outro. A ação de rasurar promove, assim, um momento particular em que a criança interrompe a posição de quem faz uso das estruturas da língua para ocupar o lugar de observadora do que construiu graficamente. Neste momento, surge o conflito que põe em cheque duas possibilidades de uso da língua que exigirão da criança recorrer a sua memória linguística - de inserção no funcionamento da língua (fala/escrita) - para realizar seleções e combinações a serem grafadas.

Convém ressaltar duas importantes considerações que faz Capristano (2014) em relação às rasuras. Primeiramente, diz respeito à diferença existente entre o estatuto das rasuras em relação aos casos de segmentação não convencional. Assim como recém-referido, as rasuras colocam a criança diante de duas possibilidades que no caráter de alternativa uma será aceita e outra obviamente descartada. Já os casos de segmentação não convencionais<sup>3</sup> são erros que podem acontecer por influência de diferentes aspectos permissíveis pela imprevisibilidade da linguagem. E a outra importante contribuição de Capristano (2014) refere-se à distinção do estatuto das rasuras em relação aos casos de flutuação. A autora observa que a oscilação de uma determinada grafia em um mesmo texto pode ocupar diferentes contextos sintáticos, prosódicos e semânticos que influenciariam a ocorrência de tal estrutura. No caso das rasuras, a criança estaria dividida entre apenas duas possibilidades de registro no mesmo episódio de escrita, situação que, por alguma razão, a fez parar, analisar e refazer a sua escrita diferente do primeiro modo de registro.

Capristano e Chacon (2014) inferem que a rasura não pode ser considerada como um episódio de reelaboração fruto de uma ação plenamente consciente da criança, que, no momento da rasura, teria a pretensão de evitar falhas na forma como grafou determinada palavra ou enunciado, mas, sim, de um sujeito que, imerso no funcionamento linguístico, reconhece, muitas vezes inconscientemente, um distanciamento entre o que escreveu e o que supostamente acredita que deveria ter escrito, mesmo que o seu registro gráfico final não corresponda exatamente ao esperado pelas convenções ortográficas.

Desta forma, concebe-se, neste estudo, os movimentos de refação ligados à segmentação também como indícios de conflitos vivenciados pelas crianças durante a trajetória rumo ao entendimento do que seja uma palavra.

3 Dados de segmentação não convencional são: hipossegmentação, hipersegmentação e híbridos. A junção de palavras que deveriam estar separadas intitulam-se casos de hipossegmentação (*afada/ a fada*) e nos casos de inserção indevida de espaços no interior da palavra, intitulam-se hipersegmentação (*a migo/amigo*) (FERREIRO & PONTECORVO, 1996). E ainda têm-se os casos de híbridos, que misturam as duas ocorrências acima descritas numa mesma sequência vocabular (*'foipa sia'/foi passear*) (CUNHA, 2010).

### 3 Os procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste estudo foi de cunho qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), ao descrever e analisar dados de refacções presentes nas produções textuais de escrita espontânea, produzidas por um grupo de seis crianças do ciclo de alfabetização, pertencentes aos 1º, 2º e 3º (duas de cada ano) a fim de discutir aspectos relevantes à constituição da noção de palavra. Os sujeitos tinham de 6 a 8 anos de idade e assinaram, além dos responsáveis, um termo de consentimento para participar da pesquisa.

Optou-se pelo texto espontâneo por propiciar momentos de escrita em que o aprendiz, preocupado em contar a história, teria espaço para a experimentação, especialmente no que diz respeito à segmentação da cadeia sonora que estará na base da sua narrativa. É nesse sentido que a escrita espontânea se constitui como espaço privilegiado para a análise desses movimentos de constituição e aquisição da escrita, sob a perspectiva de quem está aprendendo (FERREIRO, 1991).

Assim, para este estudo, a escrita espontânea foi coletada através de quatro oficinas de produções textuais, com duração de 40 minutos, realizadas ao longo do ano letivo de 2014 de forma individual e dentro da instituição de ensino de uma escola pública de Pelotas RS. As oficinas seguiram o modelo de coleta realizado pelo grupo GEALE (Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita- UFPel), que consiste na antecipação da história com o intuito de acionar inferências e conhecimentos prévios dos sujeitos acerca da temática, para estimular a criatividade e a espontaneidade na produção textual. Utilizou-se duas câmeras filmadoras em diferentes ângulos com o objetivo de captar todos os comentários verbais da criança e registrar o tempo de reparos, pausas, rasuras, ou seja, hesitações e resoluções de problemas que pudessem se configurar como elementos importantes para a análise das refacções.

Os textos foram todos digitalizados e as filmagens transcritas com as verbalizações, bem como os tempos de reparos em cada episódio de refacções realizadas durante a escrita dos textos. Posteriormente, os dados foram analisados conforme a escala prosódica proposta por Nespor e Vogel<sup>4</sup> (1986).

O intervalo de tempo projetado entre as coletas visou à reunião de um *corpus* que permitisse evidenciar o processo gradativo de percepção da forma gráfica das palavras, não com o propósito de simplesmente categorizar como certo ou errado, próximo ou distante do esperado, conforme a norma escrita, mas, com o objetivo de verificar as construções e os conflitos gerados na escrita infantil pelas tentativas de compreensão e apropriação do sistema de escrita. Serão apresentados a seguir um pequeno recorte dos

---

4 A escala prosódica proposta por Nespor e Vogel analisa o modo como o fluxo da fala se organiza em um conjunto finito de unidades fonológicas, além de ser, também, uma teoria das interações, ou seja, das relações de interface entre a fonologia e outros componentes da gramática, mediadas pela prosódia (NESPOR; VOGEL, 1986) e mostrou-se eficaz para analisarem-se também questões ligadas à constituição da noção de palavra, no que se refere aos episódios de refacções.

dados analisados referentes aos episódios de refacção encontrados na escrita de textos espontâneos dos alfabetizados pesquisados.

#### 4 Descrição e análise dos dados referentes às refacções na escrita espontânea infantil

Verificaram-se, nas produções analisadas de todos os sujeitos, certos momentos em que coexistem no mesmo texto a grafia de uma determinada palavra que ora aparece na escrita da criança segmentada convencionalmente e ora hipossegmentada, são os chamados casos de flutuação (CHACON, 2004). Movimentos como este podem ser observados no texto de Bernardo quando hipossegmentou o artigo ‘um’ com uma palavra de conteúdo ‘vez’. Após, gerou um híbrido com a estrutura ‘u maminina’ e, por fim, acabou hipossegmentado novamente a estrutura ‘umaminina’ no mesmo texto (Fig. 1):

**Figura 1.** 1ª produção textual de Bernardo

<p>É RA UMAVEIS U MAMININA                  QESIXAMAVA                  XAPÉUZINHO VERMELHO ÉRA                  UMAMININA LEGAL</p>
--

No entanto, esses tipos de ocorrências já foram verificadas em estudos como os de Tenani e Chacon (2006), que inferem que as reelaborações tanto podem recuperar características prosódicas como indiciar que a criança, por influência das práticas letradas, identificaria certos limites gráficos. Contudo, o que chama a atenção não são as formas coexistirem, mas o que motivaria a criança a realizar a refacção em apenas uma dentre todas as outras formas de estruturas grafadas. No caso do texto de Bernardo, o conflito aconteceu apenas na segunda vez que precisou grafar o artigo indefinido ‘um’ como se pode observar no fragmento abaixo (Fig.2):

**Figura 2.** Fragmento da 1ª produção textual de Bernardo com marcas de refacção

The image shows a handwritten line of text on lined paper: "É RA UMAVEIS U MAMININA QESIXAMAVA". A red oval is drawn around the words "U MAMININA", highlighting a hybrid form where the article "um" is written as "u" followed by the word "maminina".

Foram três tentativas. Primeiramente a criança escreveu a estrutura ‘UMAVEIU’ (uma vez u). Após, ao perceber que tinha esquecido a letra ‘s’ para completar a palavra ‘ves’ (vez), apagou a letra ‘u’ e a separou da estrutura inicial e reescreveu segmentando corretamente o artigo ‘um’. No entanto, Bernardo não julgou essa forma como a mais apropriada e decidiu novamente segmentá-la, originando o dado híbrido. Os movimentos de refacção, em relação à dúvida da criança de como segmentar o artigo indefinido ‘um’, podem ser observados a seguir em (01):

(01)

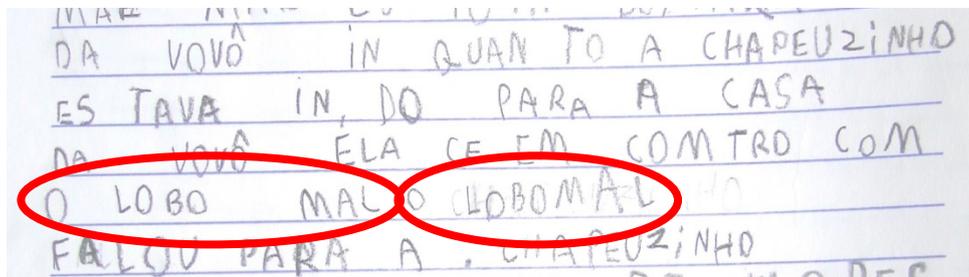
- a. É RA UMAVEIU
- b. É RA UMAVEIS UMA
- c. É RA UMAVEIS U MAMININA

Híbrido: u maminina (uma menina)

Como se pôde observar, esse episódio de refacção gerou um conflito para a criança, que precisou fazer escolhas em mais do que apenas duas opções de escrita.

Ainda no que se refere às refacções em uma das estruturas dentre outras segmentadas de formas diferentes, têm-se a escrita de Kauan, na qual coexistem diferentes grafias das palavras ‘lobo mal’, que, por vezes, estão escritas juntas e outras em separado (Fig.3):

**Figura 3.** Fragmento da 1ª produção textual de Kauan com marcas de refacção



Nas quatro ocorrências da escrita dessas palavras, a criança, primeiramente, segmentou de forma convencional, depois, quando ia escrever novamente separadas, decidiu apagar e refazer a sua escrita de forma hipossegmentadas. Depois tornou a hipossegmentar e na última vez que precisou escrevê-las segmentou de forma convencional. No entanto, de todos os momentos em que escreveu a estrutura ‘lobo mal’, apenas na segunda vez a criança realizou uma refacção. Cabe interrogar por que em apenas uma das quatro ocorrências a criança vivenciou um conflito com as mesmas palavras escritas na sequência. Parece não ser suficiente detectar se as refacções podem ser motivadas por critérios fonológicos ou ortográficos, mas entender por que determinada estrutura ganha destaque em relação a outras, chegando a ser reescrita pela criança. Daí a importância de se verificar o tempo de duração dessas refacções, saber o que fez a criança parar e refazer sua escrita inicial.

Ao analisar as filmagens em que as crianças estavam escrevendo suas produções textuais, foi possível verificar episódios específicos durante a escrita do texto em que a criança relê o que está escrevendo e opta por reformular. Porém, essa leitura é feita durante a escrita e apenas com determinadas palavras, retomadas após uma pausa, que pode acontecer por diferentes motivações.

No caso dos textos referidos anteriormente, o conflito gerado na grafia do artigo indefinido para Bernardo ocorreu quando percebeu que tinha esquecido de colocar

a letra 's' na palavra 'ves' (vez). Após, ao retomar a leitura, acabou dando ênfase à primeira letra do artigo indefinido 'um', que, de tantas vezes murmurada pela criança, acabou escrevendo a letra inicial do artigo separada do restante da palavra.

Já no caso da refacção 'lobomal', na escrita de Kauan, a refacção foi originada logo após a pausa que a criança fez para pensar a sequência da narrativa que coincidiu com o início da tensão da narrativa que promoveu um contorno entonacional murmurado pela criança enquanto escrevia, conforme representado em (02).

(02)

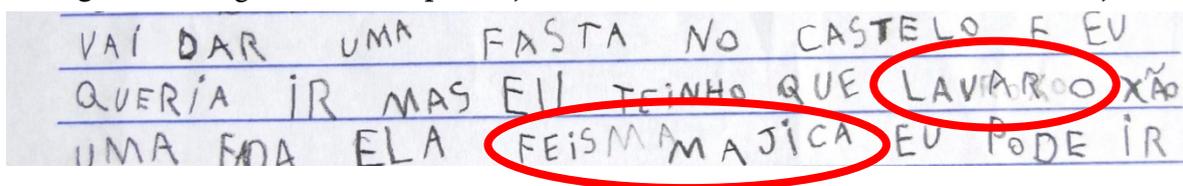
[ [O **lobombal**] I [falou] I [para a chepeuxinho] I ] U

Como se pode observar, a criança parece gerar uma tensão na narrativa no momento em que a chapeuzinho irá encontrar um lobo que não se trata de qualquer lobo, mas um que é mau: 'ELA CE EM COMTRO COM O LOBO MAL' (Ela se encontrou com o lobo mal), com isso, tem-se a palavra 'mau' em destaque. Após uma pausa se teria o retorno à sequência da história, conforme o contorno entonacional representado em (02), que pode ser interpretado como resultante de uma estrutura tópico-comentário, que de acordo com Pontes (1987) é uma construção cuja característica principal é a de colocar em evidência um elemento, chamado de tópico (O Lobo mal), e faz-se sobre esse tópico um comentário (falou para a chapeuzinho).

Convém ressaltar que tanto a ocorrência de segmentação não convencional de Bernardo quanto a de Kauan, são resultado do contorno entonacional gerado pela forma como a criança murmurou as palavras enquanto escrevia. É, portanto, a forma dessa 'voz baixa' que orienta o contorno entonacional em determinados contextos de escrita. Isso significa dizer que a criança não está simplesmente escrevendo como se fala, não se trata apenas de uma escrita reflexo de seu modo de falar.

Em outros momentos, a refacção pode acontecer num mesmo texto por motivações diferentes. Podem ser influenciadas pela releitura de uma palavra que ficou grafada pela criança de uma forma que gerou um estranhamento, e, ainda, no mesmo texto, em outro episódio de refacção, ter sido influenciado pelo reconhecimento de que se tratava de duas e não de uma palavra a forma grafada pela criança. Pode-se observar esses dois movimentos no fragmento do texto, a seguir, escrito por Letícia (Fig.4):

**Figura 4.** Fragmento da 2ª produção textual de Letícia com marcas de refacção



A análise da gravação em vídeo mostra que, ao terminar de escrever essa estrutura, a criança tentou ler, lentamente, com o auxílio do lápis, mas não obteve

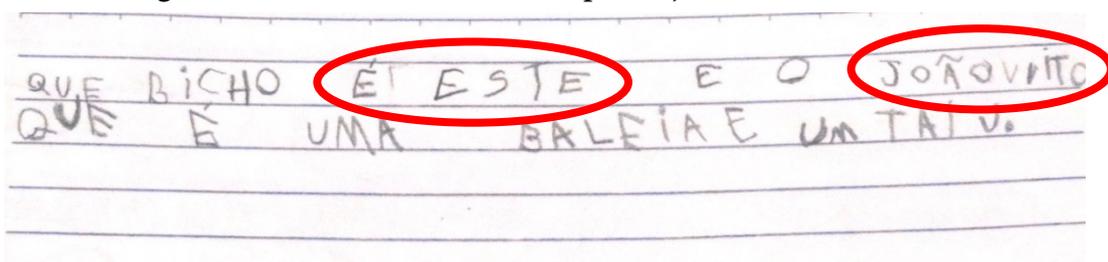
sucesso. Na segunda tentativa de leitura, movimentando a cabeça em sinal de negação, segura a borracha e verbaliza em voz baixa: 'lavá... lavar o...lavar o chão...é...não é?'. Em seguida, fica um tempo apenas olhando para a estrutura e verbaliza novamente em voz baixa: 'lavar ôoo chão...é, tá'. Assim, diante da estrutura inicial 'lavroxo' preserva as letras 'lav' apagando o restante e, em seguida, completa finalizando com a escrita: lavar o xão (lavar o chão). Portanto, neste caso, foi o estranhamento da estrutura escrita que motivou a refacção.

No dado seguinte 'feis majica' (fez mágica), diferentemente do conflito anterior, que durou 1 minuto e 2 segundos, ao escrever a estrutura 'feisma', Letícia lê, rapidamente, enquanto escreve e decide apagar a sílaba 'ma'. Ao reescrevê-la, a separa da palavra feis (fez) e verbaliza de forma enfática a primeira sílaba da palavra mágica (ma-) e reforça o lápis na letra 'm' da palavra **majica** (mágica). Ambas as estruturas sofreram refacções durante a escrita e foram lidas pela criança em voz baixa enquanto escrevia.

Nenhum dos sujeitos revisou o texto após concluí-lo. Desta forma, as refacções foram feitas em estruturas específicas no texto logo após algum tipo de pausa, como as recém-descritas. Verificou-se que, em certos momentos, é o retorno à escrita, após uma pausa, que faz com que a criança releia a última palavra e a segmente com base em critérios fonológicos. Só que isso não acontece a todo o instante, mesmo que a criança já tenha grafado a mesma estrutura ou volte a grafá-la mais tarde.

Verificou-se também, que algumas ocorrências, após a pausa na escrita, podem ter sido motivadas por aspectos de ordem semântica e/ou prosódica. Nas refacções encontradas no 3º texto produzido por Letícia têm-se dois exemplos que podem ter sido influenciados por aspectos semânticos/prosódicos, conforme se pode conferir a seguir na (Fig. 5):

**Figura 5** - Texto da 3ª oficina de produção textual de Letícia



No primeiro movimento de refacção entre as palavras 'É ESTE', em que a criança, ao terminar de escrever o verbo 'é' e iniciar a primeira letra do pronome 'este', opta por apagar e reescrever para afastá-las, assim como na ocorrência da hipossegmentação 'JoãoVito' (João Vitor), podem ter ocorrido em função da relação semântica/prosódica estabelecida pela ação de indagação/resposta do referente: 'Que bicho éeste? É o **JoãoVitor**' originando uma proeminência prosódica em ambos os casos.

No segundo texto de Bernardo, ao escrever, primeiramente a frase: ELA GOSTAVA DO PRINSIPE TAMBEN, a criança resolveu apagar a palavra 'tamben' (também) para

colocar a conjunção 'e' e o artigo definido 'o' repetindo após a palavra 'prinsipe' (príncipe) como se quisesse reforçar a ideia de que a princesa gostava do príncipe e ele dela. Só que ao decidir por essa estrutura acabou por hipossegmentar a conjunção com o artigo: eo (e o). O movimento da refacção pode ser conferido a seguir (Fig.6):

**Figura 6.** Fragmento da 2ª produção textual de Bernardo com marcas de refacção



Notou-se que houve uma mudança de estrutura prosódica de um enunciado, [ela gostava do prinsipe também] U para uma frase entonacional [ela gostava do prinsipe]  $\varphi$  [eo]  $\varphi$  [prinsipe]  $\varphi$  ] I como forma de intensificar o sentimento mútuo entre os personagens. Desta forma, os exemplos apresentados exemplificam os momentos em que as refacções na escrita dos sujeitos investigados parecem ser influenciadas por aspectos semânticos e/ou prosódicos.

As refacções evidenciam, portanto, episódios do processo de aquisição da escrita vivenciados pela criança, que são marcados pela tentativa de resolver um conflito, em que o resultado final nem sempre estará em consonância com a norma ortográfica. No entanto, é a partir dos movimentos de registro gráfico inicial até o registro gráfico final que é possível inferir que noção de palavra a criança pode estar (re)formulando enquanto refaz e reelabora o que escreveu inicialmente.

## 5 Considerações finais

Como se pôde perceber, o primeiro registro de escrita nos episódios de refacção analisados, foram grafados de modo hipossegmentado, o que sinaliza que nos episódios de refacções a percepção da criança sobre aspectos prosódicos acabam em alguns momentos, influenciando a forma de segmentar as palavras na escrita. A incidência maior foi de casos de juntura de clítico com palavra de conteúdo (CHACON, 2004; CAPRISTANO 2007).

Quanto à última forma gráfica, após a refacção, na maioria dos casos as palavras foram segmentadas de forma convencional, o que pode ser interpretado como consequência da maior inserção da criança em práticas letradas, o que acabaria modificando a representação da escrita para ela (CAPRISTANO, 2007, 2013). Desta forma, se poderia inferir que as crianças estariam realizando um processo de reelaboração na forma como segmentam as palavras porque reconhecem seus limites gráficos convencionais. No entanto, essas são suposições com base no que a escrita das crianças é capaz de revelar, pois as refacções podem evidenciar os caminhos por elas experimentados para entender o que é uma palavra gráfica sem, necessariamente, utilizar critérios morfológicos.

Além disso, tão relevante quanto compreender se os critérios que motivam as refacções são fonológicos/semânticos/ortográficos, é saber, também, o que acontece e o que motiva a criança a interromper a sua escrita e refazê-la. A possibilidade de observar ‘*online*’<sup>5</sup> o momento de produção textual de cada sujeito, permitiu que a relação entre o registro gráfico inicial e o registro gráfico final fosse evidenciada, revelando a coexistência de diferentes aspectos mobilizadores que podem levar às refacções. Verificou-se que nem sempre os movimentos de refacções irão convergir com a forma de segmentação convencional, porque em certos momentos a criança irá segmentar o seu texto conforme o contorno entonacional gerado pelo murmúrio que produz enquanto escreve. Em outros episódios serão motivadas por pausas geradas em função do estranhamento da forma como a própria criança grafou uma estrutura linguística, resultado de sua inserção nas práticas de escrita formal.

Viu-se ainda que esses reparos não são realizados pela criança todo o tempo; que o escrevente não relê ou controla tudo que escreve, daí os casos em que, diante de diversas formas diferentes de segmentação da mesma estrutura, casos de flutuação, apenas uma determinada estrutura recebe atenção da criança para ser refeita.

Com base no exposto, reforça-se o quanto a definição de palavra é, antes de tudo, um desafio linguístico, já que é difícil identificar suas fronteiras. Dessa maneira, os episódios de refacções são indícios dessa instabilidade e destacam a complexidade do *status* de palavra, uma vez que sinalizam que as estruturas que a criança considera como palavras podem ser decorrentes do conflito entre diferentes componentes da língua, tais como, fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e ortográficos.

Assim, os movimentos de refacção encontrados na escrita espontânea constituem um grande campo de investigação sobre as hipóteses formuladas pela criança sobre o sistema de escrita e cabe ao professor alfabetizador saber interpretar essas refacções presentes na escrita infantil para de posse desse conhecimento conseguir criar estratégias que auxiliem seus alunos avançarem no que se refere ao entendimento do que constitui uma palavra gráfica.

---

5 O termo ‘*online*’ está sendo usado neste trabalho como referência ao fato de as oficinas terem sido gravadas com duas câmeras, uma com ângulo para a criança captando suas impressões e gestos, outra capturando sua escrita com os tempos de pausas e reparos, conforme descrição no capítulo da metodologia.

## Referências

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R.; M. L. Mayrink-Sabinson. *Cenas de Aquisição da Escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de Letras. 1997.
- ABAURRE, Maria Bernadete. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 104, p. 41-50, 1994.
- ABAURRE, Maria Bernadete M.; CAGLIARI, L.C. Textos espontâneos na 1ª série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. *Cadernos CEDES*, 14, Recuperando a alegria de ler e escrever. São Paulo: Cortez Editora. (pp. 25-29). 1985.
- ABAURRE, Maria Bernadete. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? *Anais do GEL*, 1997.
- BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Cedez, 1994.
- CAPRISTANO, C.C.; MACHADO, Souza T. H. Rasuras em segmentação e a construção do conceito de palavra. *V CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares 05*, 2013.
- CAPRISTANO, C.C.; CHACON, L. Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a “aquisição” da noção de palavra. In: TFOUNI, L. V.; TONETO, D. J. (Org.). *O (In)esperado de Jakobson*. Campinas: Mercado de Letras, 2014 (prelo).
- CAPRISTANO, C.C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 245p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CAPRISTANO, C.C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. *Cadernos de Educação*. Ano 19 n. 35, Ed. UFPel - Pelotas, RS - Janeiro-Abril, 2010.
- CAPRISTANO, C.C. *Rastros de uma escrita em construção*, 2014, (prelo).
- CAPRISTANO, C.C. Um entre outros: a emergência da rasura n o processo de aquisição da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.
- CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2004, p. 223-232.
- CORRÊA, Jane, SPINILLO, Alina, LEITÃO, Selma. *Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade*. Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2001.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, A. P. N. *As segmentações não convencionais na escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. Pelotas, 2010. 190p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.
- FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRO, Emília; PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emília; PONTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel García. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, p. 38-66, 1996.

MACHADO, Tatiane H. S. M. *Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil*, 2014. 118p. (Dissertação de Mestrado) – Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2014.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (Re)escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE et al. *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 53-59.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *La Prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1986.

SERRA, M. P.; TENANI, L. E.; CHACON, L. Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. XXXV, p. 1247-1254, 2006.